



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

JOSÉ AILTON DE SOUZA XAVIER FILHO

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS BASES INTRAFAMILIARES DAS
PERIFERIAS DE MONTEIRO-PB**

**SUMÉ - PB
2023**

JOSÉ AILTON DE SOUZA XAVIER FILHO

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS BASES INTRAFAMILIARES DAS
PERIFERIAS DE MONTEIRO-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

**SUMÉ - PB
2023**



X3v Xavier Filho, José Ailton de Souza.
Violência contra a mulher nas bases
intrafamiliares das periferias de Monteiro-PB. /
José Ailton Xavier Filho. - 2023.

40 f.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Violência contra a mulher. 2. Violência doméstica familiar. 3. Movimento feminista. 4. Paraíba - dados da violência contra a mulher. 5. Monteiro - PB - violência intrafamiliar. 6. Mulheres - violência intrafamiliar. I. Santos, Valdonilson Barbosa dos. II Título.

CDU: 316-055.2(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

JOSÉ AILTON DE SOUZA XAVIER FILHO

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NAS BASES INTRAFAMILIARES DAS
PERIFERIAS DE MONTEIRO-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.
Orientador - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professora Mestra Carla Mailde Feitosa Santa Cruz.
Examinadora I - CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Luan Gomes dos Santos Oliveira.
Examinador II – UACIS/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 28 de dezembro de 2023.

SUMÉ - PB

Este trabalho a todos que estiveram ao meu lado nesta jornada e que nunca me desampararam, se hoje estou aqui, é por cada pessoa que me ajudou a trilhar este caminho.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de externar meus agradecimentos a minha família, meus amigos e a todas as pessoas a qual me ajudaram a chegar aonde estou. O apoio dessas deles(as), foi crucial para que eu pudesse ser alguém e que adquirisse maturidade durante minha trajetória. Externo também minha gratidão e obrigado ao amigo e orientador Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos, a qual esteve presente durante minha jornada e me ajudou a construir esta monografia, o apoio dele foi fundamental, sempre com suas palavras, apoio e direcionamento, tens minha gratulação. Todas as pessoas que me ajudaram a trilhar meu caminho até aqui, foram fundamentais, todas construíram um pedaço do que sou hoje e eu só tenho a me contentar, a ser grato.

Sou extremamente grato a meus Prof. Dr. Lena Costa Carvalho, e Prof. Dr. Luan Lima, eles me ajudaram, me moldaram e fizeram com que eu me apaixonasse ainda mais pelo curso, cada ponto com quem trabalhamos juntos, cada ação e leitura e apoio deles, incentivo foram excepcionais, sou feliz demais por ter os tido como docentes durante minha jornada acadêmica.

E, claro, a Deus, sem ele não conseguiria estar aqui, foi o meu acolhimento em todos os momentos difíceis. A Deus agradeço por todos os livramentos e por ele ser sempre a luz que me ilumina nas horas difíceis.

“A educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar, antes de entender, já se instrui”.

Jean-Jacques Rousseau.

RESUMO

O artigo se propõe a examinar e analisar os casos de violência doméstica intrafamiliar, com foco nas comunidades “Papa” e “Mutirão”, em Monteiro-Pb. E elencar o porquê que vítimas que sofrem com agressões físicas e psicológicas continuam convivendo com seus agressores, que geralmente são seus maridos e pessoas com algum vínculo, como falado acima. Para se fazer isso, tem que entender o que as prendem nos relacionamentos violentos, quais obstáculos e dificuldades que elas têm em seu dia a dia e como isso afeta toda estrutura familiar. Para que pudesse ser feito essa análise, foram feitas algumas entrevistas com mulheres residentes dos respectivos bairros e com outras mulheres para que pudesse formar algo concreto sobre essas indagações. Por isso, parto do ponto de que as mulheres além de sofrerem agressões continuam com seus maridos, porque durante essas conversas com as mulheres, quando perguntado se as mesmas sofrem algum tipo de violência, elas afirmaram que sim, desde a psicológica, com agressões verbais, insultos, ofensas, brigas sem motivos controle sobre a mulher desde as suas redes sociais até vestimentas, tendo que se adequar ao padrão que seu cônjuge queira.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; violência familiar; dominação masculina; comunidades periféricas;

VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE PERIPHERIES OF MONTEIRO - PB

ABSTRACT

The article sets out to examine and analyze cases of domestic violence within the family, focusing on the "Papa" and "Mutirão" communities in Monteiro-Pb. And to explain why victims who suffer from physical and psychological aggression are still living with their aggressors, who are usually their husbands or people with ties, as mentioned above. In order to do this, we need to understand what traps them in violent relationships, what obstacles and difficulties they face in their daily lives and how this affects the entire family structure. In order to carry out this analysis, some interviews were conducted with women living in the respective neighborhoods and with other women so that I could form something concrete about these questions. That's why I'm starting from the point of view that not only do women suffer aggression, but they continue to do so with their husbands, because during these conversations with the women, when asked if they suffer any kind of violence, they said that they do, from psychological violence, with verbal aggression, insults, offenses, fights without reason to control over women from their social networks to their clothing, having to conform to the standard that their spouse wants.

Keywords: Violence against women; family violence; male domination; peripheral communities.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	16
2.1	MOVIMENTOS FEMINISTAS E A LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA/FAMILIAR.....	19
3	ANÁLISE DOS DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PARAÍBA.....	23
3.1	PORQUE AS MULHERES CONTINUAM COM SEUS AGRESSORES?...	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

Trazer a problemática do fenômeno da Violência doméstica/familiar, é de extrema importância para entender que além das mulheres, as crianças e adolescentes também são vitimizadas e devido a crescer nesse ambiente de hostilidade, frequentemente apresentam uma série de dificuldades pessoais e interpessoais. É comum a presença de ansiedade, medo, depressão e até distúrbios de aprendizagem e comportamento, como a falta de atenção, de rendimento escolar, irritabilidade e agressividade com os colegas.

A violência familiar é definida dessa forma porque advém dentro do próprio lar e é majoritariamente cometida por algum parente ou pessoas que tenham algum vínculo parental, mesmo que não tenha laços consanguíneos, e pode ser caracterizada de formas diferentes, como: física, psicológica, sexual e até mesmo negligência. São por meio das relações de subordinação e dominação, que são um dos principais motivos para as crianças fugirem de casa e do convívio familiar (Willians, 2004).

Como problema de pesquisa pretende-se, entender como mulheres que sofrem de violência doméstica entendem seu papel na família e como essa violência está desestruturando sua vida, principalmente seus filhos. Um dos enfoques, é buscar compreender o porquê de as mulheres ainda conviverem com seus agressores. Ou seja, são duas indagações para um problema, porque há uma discussão familiar e social por trás do fenômeno da violência e das famílias entrevistadas.

O presente trabalho, se deu partir de levantamentos feitos na cidade de Monteiro-PB, está localizado na Microrregião do Cariri Ocidental Paraibano, composta por aproximadamente mais de 30.000 pessoas, de acordo com dados do IBGE de 2022, com esse mesmo censo, o IBGE informou que 15.658 dessas pessoas são do sexo feminino, representando um percentual de 51,45%, ou seja, uma representação numérica maior do que o sexo masculino que possui 14.976, com o percentual de 48,55%. A cidade de Monteiro tem uma renda per capita de 18.888,75R\$, representada majoritariamente por caprinocultura, ovinocultura e comércios locais.

O local de pesquisa é precisamente nos bairros conhecidos por “Papa” e “Mutirão”, onde foram realizadas entrevistas com algumas mulheres residentes. Essas comunidades, apesar de não haver dados concretos sobre, são vizinhas e possuem bastante diversidade, cultural e de comércios. São comunidades grandes e que

aportam várias pessoas e com uma considerável extensão territorial. A escolha destes bairros se dá pela forte presença de casos de violência contra a mulher, principalmente familiar, pois geralmente os agressores são pessoas próximas, da família e etc. Alguns casos, principalmente quando tem a denúncia e a chegada da polícia no local, repercutem em sites de notícias da própria cidade por moradores vizinhos, pessoas próximas onde acontece tirarem fotos e comentarem, vê isso, quando geralmente acontece o feminicídio (ou a tentativa).

São questões como estas que o trabalho se propõe a examinar, analisar os casos de violência doméstica intrafamiliar, e elencar o porquê que vítimas que sofrem com agressões físicas e psicológicas continuam convivendo com seus agressores, que geralmente são seus maridos e pessoas com algum vínculo, como falado acima.

Para se fazer isso, tem que entender o que as prendem nos relacionamentos violentos, quais obstáculos e dificuldades que elas têm em seu dia a dia e como isso afeta toda estrutura familiar. Para que pudesse ser feito essa análise, foram feitas algumas entrevistas com mulheres residentes dos respectivos bairros e com outras mulheres para que pudesse formar algo concreto sobre essas indagações. Por isso, parte-se do ponto de que as mulheres além de sofrerem agressões continuam com seus maridos, porque durante essas conversas com as mulheres, quando perguntado se as mesmas sofrem algum tipo de violência, afirmaram que sim, desde a psicológica, com agressões verbais, insultos, ofensas, brigas sem motivos controle sobre a mulher desde as suas redes sociais até vestimentas, tendo que se adequar ao padrão que seu cônjuge queira. Até mesmo, violência física, com apertões, empurrões, surtos sobre a mulher e até mesmo murros e chutes. E que foram causadas pelos seus cônjuges.

Assim o objetivo geral deste trabalho é: compreender os motivos que fazem com que as mulheres continuem com seus maridos, mesmo sofrendo de agressões físicas e psicológicas e assim entender como esses fatores afetam toda estrutura familiar e seus integrantes. Tendo como objetivos específicos: 1. Identificar o funcionamento dos mecanismos que pautam sobre a proteção às mulheres e se estão gerando oportunidades para as mesmas, como a criação de empregos e de segurança; 2. Como a violência doméstica se estrutura em cada família e como afeta todos os seus integrantes, principalmente os filhos(a) que tendem a desenvolverem traumas ao longo da infância.

Seus relatos de agressões foram retratados como se fosse algo natural e de costume, e de fato foi isso, as mesmas disseram que já sofrem a muito tempo, anos e anos na mesma situação, mas que ainda possuem muito medo quando seus maridos chegam bêbados, onde se tornam ainda mais violentos. Esses pontos têm que serem analisados crucialmente, fazendo perguntas que não foram feitas, buscando respostas que ainda não foram respondidas, e isso só pode ser feita através das próprias falas das vítimas, em sentir suas realidades diárias e as dificuldades de conquistarem sua autonomia, para que antes de estigmatizar as mulheres com falácias e hipocrisias por elas continuarem com seus agressores sem compreender os fatores e circunstâncias que a fazem estarem com seus agressores, principalmente quando falamos de cônjuges.

Metodologicamente a pesquisa assim se organiza: a pesquisa qualitativa é uma abordagem de pesquisa que estuda aspectos subjetivos de determinados fenômenos sociais e como se dá o comportamento humano diante deles. A pesquisa qualitativa costuma abordar culturas, características específicas de determinados grupos sociais, que não podem ser apenas quantificados. Para isso, o trabalho de campo é extremamente importante nesse tipo de pesquisa, porque é onde o pesquisador se insere em seu local de pesquisa com o objetivo de recolher o máximo de dados possíveis. De acordo com Lima (2016), o princípio fundamental da pesquisa qualitativa são as diversas bases que podem ser qualitativa são as diversas bases que podem ser coletadas através dos entrevistados e também suas interpretações através de suas reações. A entrevista possibilita aos investigadores diversas maneiras de exploração através de suas perguntas, porque permite acessar informações que dificilmente seriam expostas apenas por observação.

Um dos componentes da pesquisa qualitativa é o uso de entrevistas. As entrevistas são propícias para que o pesquisador ponha em prática o seu recolhimento de informações, podendo modelar sua entrevista para que seja objetiva e fechada, com perguntas específicas ao seu objeto, ou pode utilizar entrevistas abertas, com o intuito de deixar com que o entrevistado (a) se exponha ao máximo sobre o que quer falar, claro que as falas são de acordos com o objeto de estudo. Minayo (1999), nos diz que a entrevista semiestruturada é construída através de perguntas abertas e fechadas, onde dá oportunidade ao entrevistador de se debruçar sobre o tema sem estar laçado sobre análises previamente prescritas.

Onde é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos e para comparabilidade de diversos casos”. Tendo esses pontos expostos, acredito que para o meu objeto de pesquisa o uso da entrevista aberta seria o mais viável, porque quero entender o porquê que as mulheres não conseguem se livrar de seus agressores, e para isso preciso entender que elas consigam se sentir confortáveis e se sintam livres, sem perguntas específicas que as pressione, para exporem os fatores que as fazem estar nesse tipo de relação.

Apesar de existirem relatos parecidos, cada vivência é única e cada sentimento compartilhado é diferente, para isso, neste trabalho, foi-se necessário usar nas entrevistas o Relato Oral, porque viabilizou o entendimento de experiências, seja individual ou coletivo, cada mulher possui particularidades e vivências diferentes, produzindo um depoimento que em conjunto pode se assimilar no entendimento de determinado fenômeno. Existem relatos de vários tipos, o que essa pesquisa pretende utilizar o relato oral com ênfase nas histórias de vida e experiências.

“No caso das histórias de vida, o pesquisador está interessado na trajetória de vida das entrevistadas, suas experiências em face de certos episódios de sua vida, com o objetivo de associá-las a série de encontros, pois a profundidade que se busca nesses relatos não seria possível com apenas um contato. O intuito e a motivação dos entrevistados, a partir de informações contextuais, ou seja, o foco não deve ser apenas o relato, mas o relato em contato que faz parte da gama de interesses do autor. (LIMA, 2016, p.31).

Podemos ver que as histórias de vida são fundamentais para entendermos como a violência está estruturada em sua família, e como está afetando os demais familiares em sua casa, principalmente os filhos. Para buscar o entendimento do problema de pesquisa será a partir do trajeto de vida das entrevistas, não necessariamente toda sua vida, mas os episódios que as fizeram estar na situação de vítimas de violência doméstica.

Tendo visto esses fatores, cada entrevista foi elaborada e pensada para que não prejudique ou ponha em risco o entrevistador e as entrevistadas, onde elas não estejam com seus maridos no momento do relato e se sintam confortáveis e seguras para falarem. Uma entrevista que atenda suas perspectivas e respostas ao objeto de análise, depende de toda trajetória de criação da mesma, no presente momento. O uso da pesquisa qualitativa, acompanhado da entrevista, reúne diversas informações e sonda o máximo de interação entre o entrevistador e as entrevistadas.

A entrevista foi feita com seis (06) mulheres, três (03) do bairro Papa e três (03) do Mutirão, devido as dificuldades encontradas durante a pesquisa, não se pôde estender o leque para um percentual maior de mulheres, muitas rejeitaram serem entrevistadas e a maioria das que participaram, teve um contato inicial. Foram feitos nove(09) perguntas as entrevistadas com foco no problema de pesquisa e intenção deste trabalho, ou seja, utilizou-se de uma entrevista semiestruturada, Para Minayo (2009, p. 64-66) a “entrevista semiestruturada combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

Esse método também facilitou para que eu pudesse usufruir melhor o pouco tempo de falas que tive com elas, no geral, cada entrevista durou 20 a 25 minutos. Esse modelo utiliza alguns tópicos genéricos, como perguntas que começam com “Como”, “O que”, “Quem”, “Por que” e “Quando”. Utilizarei este modelo para que elas se sintam confortáveis durante a entrevista, e vejam como uma conversa entre dois “amigos” para que seja o mais natural possível. Na entrevista semiestruturada é fundamental respeitar o tempo do candidato. E para que eu pudesse descrever e entender seus desabafos durante a entrevista, precisava utilizar os melhores métodos. Além desta percepção, “permitir”, que houvesse uma colisão entre a entrevista semiestruturada e aberta, afinal, mesmo que elas fugissem um pouco das minhas perguntas durante suas falas, não as atralhei, deixando-as à vontade para falarem. De fato, foi um pouco complicado a utilização das entrevistas na pesquisa, as mulheres ficaram com medo de seus maridos, principalmente em estar com outra pessoa em sua residência, foi algo que elas relataram e pediram para que as perguntas fossem feitas o mais rápido possível. Para correr contra o tempo, e que as perguntas surtisses efeito, foi crucial a seleção de um questionamento com focos específicos em responder e entender a problemática que este trabalho se propôs a examinar.

A presente monografia se estrutura a partir de alguns apontamentos: No 1º capítulo discutiremos o tipo de metodologia usada, a fim de compreender a situação das mulheres em suas famílias e como a violência está instaurada em suas residências. A análise do meto de Entrevistas será prioridade neste primeiro momento. No 2º capítulo discutiremos o fenômeno da violência contra a mulher e familiar na paraíba, apontando alguns autores que tratam desta problemática e contextualizando com dados atuais, baseando-se pela legislação e dados sobre violência contra a

mulher. Essa etapa é importante para que haja uma compreensão “geral” do leitor sobre os fenômenos de violência e como estão instaurados em diversas famílias. No 3º capítulo, será abordado a contribuição do movimento feminista na luta contra a violência a mulher, ressaltando a luta histórica das mulheres pelos seus direitos e como o machismo e imposição de poder sobre a mulher as afetam e desestrutura toda a família, com graves consequências como um todo. Dando continuidade, a essa questão, será feito também, uma análise de como as mulheres (entrevistadas) entendem o fenômeno da violência. No 4º ponto, será mostrado os resultados da pesquisa e o efeito dela sobre as mulheres entrevistadas, se as perguntas puderam fazer com que elas refletissem sobre o ciclo de violência a qual estão cometidas e se conscientizassem, fossem buscar alternativas para que pudessem se livrar de seus agressores, claro, apenas reflexões, porque o foco da entrevista é entender como a violência contra a mulher impactam elas e suas famílias diretamente.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nas entrevistas, que serão discutidas mais à frente, as entrevistadas não denunciam seus maridos, por motivos diferentes, mas em maioria elas apresentam motivos como afeto, acreditam em mudanças em seus comportamentos. Outras desistem de denunciar devido ao medo de serem perseguidas, mesmo que os agressores possam ter medidas restritivas. Dentre outros motivos que serão discutidos mais à frente. E maioria, maridos, pais, padrastos, tios, avós e até amigos da família têm sido apontados como os principais autores de violência doméstica. Esse dado nos remete ao questionamento de um outro mito, o de que o autor da violência é, na maioria das vezes, um desconhecido, tarado ou bandido. A violência doméstica passa a ter um caráter novo, mais singular, pois a pessoa vítima entra numa situação de afeto distorcido, ou seja, a relação se consolida num “duplo vínculo”, como remete Diniz (1999).

Pode-se analisar que, também implica para um debate familiar, porque além de mostrar as mulheres que sofrem de violência doméstica, é entender que os filhos(a) também são vítimas dessa violência, porque vivenciam em suas casas um ambiente hostil, prejudicando potencialmente seu desenvolvimento e criando tendências a traumas ao longo da infância e adolescência. E claro, acabam perdendo sua infância e as coisas boas que toda criança deve aproveitar, principalmente a inocência e as virtudes, e isso atrai ainda mais problemas em seus desenvolvimentos e saúde. “Crianças e adolescentes que vivem a violência exercida contra a mulher podem igualmente sofrer sequelas físicas e psicológicas semelhantes às da própria vítima de agressão, desde a ocorrência de ansiedade, dores de cabeça, úlceras, sentimento de culpa e depressão até as relacionadas ao processo de desenvolvimento infantil, tais como problemas na fala, dificuldades de aprendizagem e de concentração” (Silva et al, 2007, p. 93-96). E além do mais, a violência não é só gerada pelos maridos (pais), mas também por pessoas próximas da família, principalmente aquelas que querem ter uma imposição de arrogância e controle sobre os familiares, o que acarreta enormes problemas, gerando uma violência conjunta, onde crianças e mulheres são afetadas. Devido o índice de violência familiar no Brasil, o governo federal brasileiro tomou iniciativas em algumas ações voltadas a coibir esse tipo de violência e a exploração sexual comercial de crianças e jovens. Essas iniciativas partiram do Centro

de Referência e Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA). (Brasil, 2001)

Também, em 18 de junho de 2004, no Brasil, foi assinada a Lei 10.886/04, tipificando a violência familiar/doméstica no Código Penal Brasileiro. Esta lei, tem por objetivo maximizar a violência corporal cometida por determinado agressor da família ou companheiro, como constituída por crime específico, sendo passível de seis meses a um ano. (Brasil, 2004).

A violência doméstica contra a mulher, de fato, é um fenômeno que prejudica diretamente a sociedade. Pode-se dizer que, uma estrutura de vida, principalmente a da mulher é destruída quando a mesma está em uma relação abusiva, onde ela não é mais uma pessoa com autonomia e controle de si, se tornando dependente de seu parceiro que a controla principalmente pelo sentimento da culpa, causando traumas, ansiedade e até mesmo depressão nas mesmas. “A violência contra a mulher atinge uma em cada quatro mulheres no mundo e é responsável por um em cada cinco anos potenciais de vida saudável perdidos pela mulher” (Diniz, 1997, p.14). E também merece bastante atenção pois é o principal responsável pelo aumento de casos de feminicídio.

Como nós sabemos, em muitos casos de violência, há uma relação íntima entre vítima e agressor e para identificarmos como ocorre o ciclo de violência, devemos adentrar mais profundamente nos fatores que geram as violências. Quando se procura entender de forma mais expansiva o que é a violência, vemos que ela está ligada principalmente a física e psicológica, com o intuito de obrigar o indivíduo a algo contra a sua vontade, infere diretamente em sua liberdade, através do uso da força, da humilhação, do cárcere privado e até a morte (Modena, 2016). De fato, esses dois parâmetros de violência são os mais falados, até porque em maioria dos casos, encontramos presente esses dois fatores, que muitas mulheres não conseguem distinguir, o que torna mais grave a situação, pois as mesmas não possuem um discernimento das consequências que sofrem, por vários motivos, desde a falta de estudos, como a não oportunidade de terem participado de programas/palestras voltados a mobilização de conscientizar as mulheres sobre a condição que estão suportando.

Como falado, é comum encontrar nas relações violentas uma dificuldade de elaboração do conceito de violência. As agressões não são sentidas como violências, desde que permaneçam dentro dos limites permitidos de maus permitidos de maus-

tratos mútuos ou unilaterais. Neste sentido, desde que não ultrapassem os limites da agressão “legítima” dentro do espaço privado da família, as agressões físicas e/ou psicológicas podem ser utilizadas com consentimento mútuo como forma de resolução de conflitos e familiar. (Suárez e Bandeira, 2002).

Vemos que a violência doméstica tem uma dimensão de gênero, ela ocorre num contexto social onde a mulher ainda é vista principalmente como inferior, ou seja, ela não tem o mesmo status de “poder” e direitos que o homem, principalmente quando falamos em famílias tradicionais, onde a figura masculina é tida como superior, onde as regras são impostas geralmente pelo patriarca da família, e aqueles que desobedecerem estão sujeitos a sofrer repressões. Principalmente as mulheres, que são submetidas a limites e imposições sobre as mesmas, e quando tentam escapar dessas amarras e buscarem autonomia. E além do mais, as mulheres sofrem dos estigmas associados a ela, como a falta de apoio, que impede muitas vezes das mulheres procurarem ajuda, e até mesmo são tidas como mentirosas quando denunciam os abusos e agressões acometidas a elas, influenciam diretamente a estarem privadas ao seu contexto, tendo visto que são diferentes realidades, principalmente se falarmos de bairros periféricos, onde as mulheres tendem a sofrer mais, em todos os âmbitos, do financeiro ao amoroso.

Este trabalho tenta aproximar-se o mais possível da realidade que vivem as mulheres dos bairros Papa e Mutirão, a fim de encontrar respostas e entender o que passam essas mulheres, se as mesmas têm rede de apoio que são importantes para elas e seus filhos, ter uma rede de apoio é extremamente importante, porque ela é parte fundamental na manutenção da sua saúde mental e do seu bem-estar. É de extrema importância estarmos ciente das condições que vivem as mulheres em sua família, que sofrem de violência doméstica por parte de seus maridos ou pessoas da própria família, porque esse fenômeno traz diversas pautas, seja na violência de gênero como nem estudos na saúde, abordam diversas questões e conceitos, que devem ser analisados e estudados com muita cautela. Como já falado acima, quando tratamos de violência intrafamiliar os mais afetados são as mulheres e crianças, pois são tidos como inferiores. A exemplo, temos a violência sexual contra a mulher, que se constitui umas das mais antigas faces da violência de gênero, além de representar uma grave violação de direitos humanos. As diversas expressões desse tipo de violência estão diretamente relacionadas de fato a uma ideologia patriarcal existente em nossa sociedade, que demarca fatoramente os papéis e as relações de poder

entre homens e mulheres, legitimando e alimentando a violência de gênero explícita, pois, o homem é tido como o principal constituinte da família. (Azevêdo & Pereira, 2016; Silva & Vagostello, 2017).

2.1 MOVIMENTOS FEMINISTAS E A LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA/FAMILIAR

Quando falamos do fenômeno da violência doméstica, é crucial tratarmos do feminismo. Esse movimento vem ganhando força ao longo do tempo e hoje é o principal expoente da luta contra a violência doméstica, familiar, são as lutas feministas, que tem um dos principais objetivos em romper com a cultura patriarcal vigente a muito tempo em nossa sociedade, que é um dos principais fatores no aumento de violência contra as mulheres, dentro de suas famílias e até mesmo contra seus filhos.

“Para fortalecer a não aceitação desta condição determinada a mulher de submissão e inferioridade, apenas pelos aspectos biológicos, surgem os movimentos sociais, mais precisamente os movimentos feministas para contribuir com o enfrentamento à expressão da violência. Nota-se então que a violência doméstica e familiar é um problema que perdura por séculos e séculos, se fortalecendo pela cultura patriarcal e machista construída e que atinge a mulher sem distinção de cor, credo, classe social ou qualquer outro determinante” (CRUZ; MARIANE. P. 47, ANO?)

Para compreender esse fenômeno, é importante analisar a violência de gênero, que se reproduz nas relações de poder onde se enredam as categorias de gênero, classe, raça/etnia. Expressa uma forma particular da violência global, influenciada pela ordem patriarcal que “permite” aos homens o direito de dominar e controlar suas mulheres, podendo, para isso, fazer uso da violência. A violência foi e continua fazendo parte da vida e prática diária de muitos indivíduos, passando de geração a geração como uma espécie de herança.

Violência de gênero é o conceito mais extenso, abrange vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das mulheres e familiares, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como “desvio”.

Para que essa violência contra a mulher começasse a ser combatida, visto o número exponencial que vinha crescendo de casos e casos no Brasil, sejam de violência ou mesmo o feminicídio, foi instaurado na década de 1980, a Delegacia da mulher, órgão especializado da polícia civil, criada em São Paulo e depois adotada em outras grandes cidades, como João Pessoa-PB. A Delegacia da Mulher possui um acolhimento diferenciado e específico para as mulheres violentadas; proporcionando um trabalho com equipe multidisciplinar qualificada através de psicólogos, assistência social e orientações jurídicas, além da implementação da Lei Maria da Penha, cujo objetivo é proteger as vítimas e seu patrimônio, guarda de seus filhos e combater a impunidade.

É salientado quando se trata do fenômeno da violência familiar, principalmente contra a mulher, é que “o Estado faz coro, frequentemente com o refrão popular, em briga de marido e mulher não se mete a colher. Não raro, assistem-se cenas de violência do marido contra a mulher na rua, sem que a polícia, também plateia, interfira” (Saffioti, 2002, p.10).

Para entender essas causas, parte-se do ponto dessa relação de poder do homem sobre a mulher nas sociedades patriarcais e também capitalistas. A mulher é regada ao ambiente privado, passando a servir seu marido em todos os seus desejos, a ser um instrumento de reprodução da força de trabalho, a direção da casa passa para os homens, Lop (2009). Podemos ver que as mulheres são parte do contexto dos dominados que são explorados em seu próprio gênero em diferentes âmbitos, sendo essa relação visível historicamente.

Saffioti (2004) retrata muito bem isso quando acentuou que no patriarcado, a relação de dominadores e dominados seja sempre desigual, porque mesmo que a mulher consiga possuir parte do poder, sempre o homem possuíra ou tentará ter mais poder que ela, acaba não havendo um consentimento. Podemos afirmar isso com a lentidão que houve para que a violência contra a mulher pudesse se tornar uma problemática para os órgãos competentes, como sabemos sempre houve casos de violência doméstica na humanidade, mas só foi admitida como um problema para a saúde na década de 90, pela Organização Mundial de Saúde- OMS. (Jong, 2008). Ou seja, a luta contra a violência doméstica sofre bastante devido as interrupções existentes nos nossos órgãos, principalmente porque muitos dos chefes que cuidam desses setores que deviam fornecer apoio e ajuda as mulheres vítimas de violência, são comandados geralmente por homens.

Aqui podemos ver que essa situação de dominação masculina, é condizente com a teoria de Bourdieu que, trata a questão da principalmente a partir de uma perspectiva simbólica. Para Bourdieu (1990), a dominação masculina é um tipo particular de violência simbólica, pois, quando o homem sobrepõem poder sobre a mulher, sua imposição é legitimada pelas instituições e pensamentos dominantes da sociedade. O que influencia os dominados a reproduzirem essa imposição posta sobre eles. Segundo o autor, as próprias mulheres reproduzem conscientemente/inconscientemente as representações que as depreciam na ordem social.

Bourdieu (1990), vê na dominação masculina e em como ela é imposta sobre as mulheres, um tipo de violência suave e invisível que faz com que as próprias vítimas não percebam. Ou seja, essa lógica de dominação faz parte de um sistema único e puramente simbólica, onde a relação social existente, apreende a lógica de dominação.

O movimento feminista é o principal expoente na luta contra a violência a mulher, familiar e de gênero. Dentre as lutas históricas e atuais deste movimento, está a superação da hierarquia que resulta na desigualdade de gênero. O movimento questiona a ideia dominante da superioridade masculina que resultava na inferioridade feminina. Como se sabe, a primeira considerável conquista dos movimentos feministas no Brasil e no mundo, foi a garantia do direito ao voto instituído no Brasil em 1932, no governo de Getúlio Vargas. De acordo com Medeiros (2011), a conquista do voto das mulheres se deu através do decreto 21.076, que garantiu ao eleito, maior de 21 anos, sem distinção de sexo, o direito do voto. Para o tempo, foi uma vitória, de fato, para o movimento feminista.

O movimento feminista teve grandes conquistas no decorrer de sua trajetória, principalmente na implantação de políticas públicas voltadas para as mulheres. De fato, é de extrema importância dar ênfase as lutas e conquistas do movimento feminista, porque é um expoente na luta contra a violência a mulher.

É fundamental aprofundar sobre essa problemática, porque não se pode entender os casos de violência contra a mulher de forma individual, tem que ser levado em conta a nossa sociedade se moldou em uma estrutura que cria desigualdades, favorecendo o gênero masculino. A exemplo temos as questões de salários e oportunidades, que as mulheres lutam há séculos para obterem ou igualem com os homens. Ou seja, a violência contra a mulher já começa nas instituições que

privilegiam os homens e acarreta diversas dificuldades para não terem representatividade feminina em seus espaços. É visível que esse privilégio gera diversos problemas, sejam sociais ou econômicos, porque se o mercado não aproveita mulheres talentosas em seu âmbito e acabam por não usufruir de invenções e avanços que elas podem trazer em espaços científicos, por exemplo.

3 ANÁLISE DOS DADOS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PARAÍBA

Fazendo análise da violência doméstica, é importante o contexto pandêmico da Covid-19, pois os índices de violência doméstica cresceram absurdamente. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FDSP), os índices de feminicídio tiveram aumento de 22,2% em 2020, comparados aos meses de março e abril de 2019, em recorde de 1350 mulheres assassinadas.

Quando falamos sobre mulheres vítimas de violência doméstica ou presas em um relacionamento abusivo, a falta de informação, apoio familiar e dos amigos e, conseqüentemente, o medo de estar sozinha são uma das principais barreiras que as impedem de pedir ajuda ou de ter coragem de sair da situação, mesmo que esteja sendo violentada. Dessa forma, vemos que o amparo afetivo e fraterno ainda é um privilégio que, muitas vezes, só existe para o homem. Principalmente quando a mulher tem filhos, que é impedida muitas vezes por não ter como sustentar sua família, e é brigada a estar com seu agressor. A maternidade deve ser um momento de compartilhamentos de sentimentos, com pessoas de seu ciclo, que ajuda a mãe em um período de novas experiências. Para que, ela não sinta sozinha nos desafios que enfrenta, acaba para a mulher e seus filhos que se encontra.

As relações entre pessoas e ambientes oferecem aparatos de apoio nos momentos de crise e até mudanças, podendo estender o laque de oportunidades de desenvolvimento humano através da qualidade dos meios de sobrevivência, como as várias possibilidades de emprego que podem surgir, estudo, amizades, lazer, relações de suporte e principalmente de afeto. O apoio social e afetivo que é geralmente fornecido pela rede relacional das pessoas é mantido por laços afetivos e depende de percepções que se tem do próprio mundo social, de competências e recursos disponíveis para proteção, principalmente para as pessoas que vivem em famílias/relações agressivas e imparciais, onde prejudica diretamente sua integridade mental e física, que acabam por não conseguirem enfrentar sozinha seus agressores, a rede de apoio acaba se tornando fundamental. (Brito; Koller, 1999).

Em algumas das entrevistas pode-se perceber que as mulheres que foram entrevistadas não conseguem discernir os tipos de violência que sofrem, geralmente só falam a violência no ato físico.

Entrevista:

Pergunta 4- Você consegue identificar qual tipo de violência sofre por parte de seu marido/namorado?

Entrevistada 1- A violência cometida por ele contra mim foi agressão, em nossas brigas, sempre acontecida dele me bater e xingar.

Entrevistada 2- Sempre que bebe, brigamos, parece que ele se transforma, entra algo dentro dele e aí sempre quer me bater, sem motivo algum ele surta, já agrediu meu filho também

Entrevistada 3- Ele me agrediu uma vez, deu um tapa na minha cara. Mas depois disso, quando brigamos ele só xinga e me humilha

Entrevistada 4- Desde muito nova sempre apanhei dele, ele sempre quis ter um poder sobre mim, como se eu tivesse que viver dedicada a ele e fazer o que ele quer, sofro muito, já cheguei a ter que tomar remédios diariamente para conseguir dormir

Entrevistada 5- Nesse tempo todo com ele apanhei duas vezes, mas em xingamentos que já recebi e até ameaças foram muito mais vezes, mesmo que já tenha cessado um pouco e hoje evitamos até brigar, sinto muito medo dele, principalmente quando chega perto de mim

Entrevistada 6- Nunca apanhei dele, mas discutimos muitos, os dois são muito estressados, ele já me xingou e apontou o dedo na minha cara várias vezes, mas nunca chegou a me bater não.

Podemos ver que a maioria dos casos é atrelado ao contato físico e xingamentos, e também a um fator crucial em que quase todas relataram, a presença do álcool. Muitas delas já estão traumatizadas e quando seus maridos/namorados bebem, elas já associam a violência, ou seja, são escancaradas as diversas formas de violência que estas e diversas outras são vítimas. Nesse contexto, as mulheres estão expostas à diversos tipos de violência, incluindo essa violência sexual, que impõem sobre às vítimas o sentimento de culpa, vergonha e prejuízos ao funcionamento sexual que venha a ser posterior. Existe ainda uma tendência das mulheres vítimas de violência sexual se envolverem em relacionamentos nocivos, dolorosos e insatisfatórios, com dificuldade de confiar e medo do seu parceiro, que perpassam questões do seu próprio desenvolvimento, vindo a ser prejudicial futuramente (Camicia, Silva, & Schmidt, 2016; Silva & Vagostello, 2017).

Principalmente porque a vontade da vítima se isolar socialmente depois de ter passado por uma relação violenta é imensa, não querendo contato, conversas e companhias de ninguém, o que também se torna ruim, pois o ser humano é um ser

sociável, se restringir do contato com outrem não é uma das opções recomendadas, mas há muito por trás disso, as vezes a vítima prefere se isolar do que procurar ajuda profissional, por inúmeros motivos que só podem ser ditos pela própria vítima.

O bairro, como já falado, possui um índice de violência alto, seja violência doméstica ou outros tipos de violência. E isso retoma uma indagação, será que é devido a essa “marginalização” que existem diversos casos de violência doméstica nestas comunidades?

Em um bairro com a alta de casos de violência, é sempre importante mostrar, principalmente nos bairros periféricos, como estão e como funcionam atualmente os mecanismos de pauta contra a violência doméstica e se eles de fato estão tentando ajudar as vítimas, sejam palestras, grupos focais de conversa de ajuda as vítimas, atendimentos as mulheres e crianças, redes de conscientização a eles de como identificarem os tipos de violência que são acometidas as pessoas ajuda as vítimas terem outra visão sobre, e não os limitam a estarem em situação de violência sem conseguirem identificar e aceitarem o que é acometido aos mesmos.

De acordo com os dados do anuário de segurança pública 2023, que se baseia em informações fornecidas pelas secretarias de segurança públicas estaduais, pelas polícias civis, militares e federal, entre outras fontes oficiais da Segurança Pública houve um aumento de todas as formas de violência contra a mulher, uma situação preocupante. De acordo com o relatório “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil”, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em /março deste ano, cujos dados são baseados em pesquisa de vitimização, houve-se um caso de aumento extremo no ano de 2022.

Na Paraíba, com base nesses dados, é perceptível uma diminuição de casos registrados de violência contra a mulher, doméstica, familiar ou o próprio feminicídio.

TABELA 29
Lesão corporal dolosa - violência doméstica⁽¹⁾
Brasil e Unidades da Federação – 2021-2022

Brasil e Unidades da Federação	Lesão corporal dolosa - violência doméstica (Art. 129 § 9º)				
	N. Absolutos		Taxas ⁽²⁾		Variação (%)
	2021 ⁽³⁾	2022	2021	2022	
Brasil	231.596	245.713	238,1	236,2	2,9
Acre	1.118	1.410	272,0	339,6	24,9
Alagoas	1.542	1.953	96,6	122,2	26,1
Amapá	1.255	1.137	345,1	307,2	-9,8
Amazonas	1.917	3.718	95,6	189,3	92,0
Bahia	9.899	9.542	136,2	131,3	-3,6
Ceará	2.248	1.120	49,8	24,7	-50,4
Distrito Federal	3.170	3.323	216,2	227,2	4,1
Espírito Santo	1.975	2.254	99,1	115,8	16,9
Goiás ⁽⁴⁾	10.782	11.206	306,8	314,8	2,6
Maranhão	2.935	3.356	85,3	91,3	14,0
Mato Grosso	10.960	11.415	615,6	631,6	2,6
Mato Grosso do Sul	4.533	3.401	329,3	244,7	-25,7
Minas Gerais	22.657	22.561	216,1	216,4	0,8
Pará	8.783	8.845	216,0	212,9	-1,4
Paraíba	3.246	3.126	158,5	151,9	-4,1
Paraná	18.202	17.775	313,9	304,3	-3,1
Pernambuco	9.179	9.336	194,1	199,0	2,6
Piauí	1.826	1.243	106,6	73,6	-32,3
Rio de Janeiro	25.845	28.171	308,8	316,5	9,0
Rio Grande do Norte	1.988	2.240	117,8	131,8	11,8
Rio Grande do Sul	18.028	18.288	323,2	325,9	0,8
Rondônia	3.692	3.910	472,4	499,4	5,7
Roraima	990	1.545	331,1	504,8	52,5
Santa Catarina	15.672	17.361	414,9	452,7	9,1
São Paulo	51.995	52.672	229,8	231,5	0,7
Sergipe	1.591	1.201	139,8	104,9	-25,0
Tocantins	1.888	2.094	226,3	228,5	2,1

Fonte: Secretarias Estaduais de Segurança Pública e/ou Defesa Social; Instituto de Segurança Pública/RJ (ISP); Polícia Civil do Estado do Amapá; Polícia Civil do Distrito Federal; Polícia Civil do Estado de Roraima; Estimativas da população residente no Brasil e Unidades da Federação - IBGE, realizadas por meio de interpolação linear; Censo 2022 - IBGE; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

(1) Informação não disponível.

(2) A lesão corporal dolosa praticada em contexto doméstico refere-se a todo ato de violência física praticado contra a mulher no ambiente familiar (Art. 129 § 9º).

(3) Taxa por 100 mil mulheres.

(4) Atualização das informações publicadas no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 16, 2022.

(5) Dados consultados no painel de Estatísticas da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Goiás em 06/07/2023.

Fonte: Anuário brasileiro de segurança pública, 2023.

Mas, números como estes não querem dizer que na Paraíba os casos diminuiriam, mas sim, os casos registrados, que não houve denúncias. Ainda que mesmos números assustadores como estes, a realidade pode ser ainda pior, escala deste problema pode ser muito superior, posto que inúmeras mulheres vítimas fatais não são contabilizadas, dado que os seus casos não são reportados e muitas outras não denunciam casos de violência, devido à ausência de apoio legal ou jurídico.

A violência contra mulheres é um problema de saúde pública, sobretudo os homicídios que figuram como marca maior dessas agressões. O Estado da Paraíba, foco deste estudo, segundo o Atlas da Violência de 2018, obteve uma gradativa e considerável redução das mortes de mulheres: em 2011 ocupava a 3ª posição entre as Unidades da Federação mais violentas; em 2016 passou para a 18ª posição; uma redução de aproximadamente 46% nos casos de homicídios femininos.

De acordo com dados da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), Uma investigação aponta que as cidades com maior número de violência contra a mulher na Paraíba são João Pessoa,

Campina Grande, Patos, Santa Rita e Sousa. Esses municípios concentram 33,5% dos casos de feminicídio. A investigação, ainda, mostra que dos 176 casos analisados, 44 ocorreram na Zona Rural.

Em Monteiro-PB, respectivamente nos bairros de análise Papa e Mutirão, houveram casos recentes de tentativa de feminicídio e violência doméstica. O caso ocorrido no dia 29-01-2023 onde uma jovem de 18 anos foi baleada pelo seu ex-namorado, o crime ocorreu no bairro Mutirão. A notícia está disponível no blog de notícias Pipoco.com (Jovem de 18 anos é baleada no rosto em Monteiro; ex-namorado é suspeito do crime - O Pipoco).

Um outro caso que ocorreu no bairro Papa, em 07-11-2022, foi de um homem que foi preso após agredir sua filha e sua mãe, além da violência, também ameaçou atear fogo em sua residência com as duas mulheres dentro dela. Esta matéria está disponível em (Homem é preso após agredir a sua própria filha e sua mãe em Monteiro - O Pipoco).

Esses são alguns dos muitos casos que temos nessas localidades, muitos encobertos que não são saem em portais de notícias, não são denunciados, e ficam na dimensão familiar, muitas vítimas tentam abafar o que sofrem, principalmente por medo de que se denunciarem ou ir atrás de ajuda, podem acontecer algo pior com elas e com seus filhos, onde muitas vezes vemos muitos casos assim, onde a mulher tenta se livrar de seu agressor e acaba perdendo a guarda dos filhos, sendo ameaçada e privada, e, por fim, até mesmo assassinada porque o agressor não suporta o fim do relacionamento.

3.1 PORQUE AS MULHERES CONTINUAM COM SEUS AGRESSORES?

Um dos focos dessa pesquisa é uma pergunta que se tem muito feita devido a condição bastante peculiar, entender como que mulheres mesmo agredidas e com filhos em risco devido o ambiente hostil que vivem, ainda estejam ou permaneçam com seus agressores por perto, tendo visto que pertencerem a uma relação como essa afeta toda sua vida, de forma catastrófica? Mas, para entender isso, tem que se analisar diversos fatores por trás dessa pergunta colocada, pois existem diversos motivos para que uma mulher não consiga se “livrar” de seu marido, essa é uma

pergunta complexa e que o observador se deve atentar a todos os detalhes, famílias e relacionamentos são como teias de relações, com casos particulares.

A falta de recursos por exemplo, mulheres a qual fizeram parte da pesquisa e com tivemos conversas, não possuem trabalho, às vezes fazem algumas diárias como domésticas, mas nada contínuo e duradouro. Elas afirmam terem sua renda principal o Bolsa Família, a qual as mesmas dizem que só com essa renda, que é pouca para se manterem, não conseguem ter autonomia para ir morar só, pagar aluguel etc., principalmente com seus filhos. Ficando à mercê de seus parceiros ou até de familiares, se sujeitando a humilhações e xingamentos como “Vagabunda” “Não faz nada da vida” (relato de duas entrevistadas). Esse problema também se associa à falta de redes de apoio de algumas mulheres que estavam sendo comentados acima, seja da família, de amigos ou de órgãos competentes. São muitos questionamentos quando pensamos sobre o que faz com que as vítimas continuem com seus agressores e permaneçam nessas situações de violência por uma vida inteira.

Entrevista:

Pergunta 3- Você consegue viver financeiramente sem seu marido? Se não, o que te impede? Acha que esse fator se torna um obstáculo para você se livrar de seu marido?

Entrevistada 1- Olha, acho que não. Tenho apenas o bolsa família e dois filhos, se junto com meu marido já passamos algumas dificuldades, imagine sem? eu iria ficar mais lascada. Sim, é um obstáculo, às vezes penso em ir embora e ficar livre, mas não tenho como me sustentar sozinha.

Entrevistada 2- Tenho meu trabalho, mas ganho pouco. Recebo bolsa família também, mas acho que não quero passar aperto. é um obstáculo, mas não o principal, tem muitas coisas envolvidas.

Entrevistada 3- Não, além de desempregada, com filhos, nem o bolsa família recebi. É triste, acredito que seja o principal obstáculo para eu não me livrar daqui.

Entrevistada 4- Se eu quisesse, acho que sim, tento controlar sempre o pouco que ganho, então dava para me virar. O problema é que não consigo, gosto muito dele.

Entrevistada 5- Não, meu marido trabalha, ele não quer que eu trabalhe, apenas cuide de casa. Acho que tem medo que eu trabalhe e saia daqui, o ciúme dele que é o obstáculo, tenho medo.

Entrevistada 6- Se eu quiser terminar, eu termino. Não dependo dele, mas sei que faria falta pois ele ajuda bastante no trabalho. Mas nosso obstáculo igual você perguntou, é que ele é muito estressado e brigamos muito.

De fato, o fator financeiro é um dos expoentes para que a mulher continue sendo obrigada a estar em uma relação abusiva, principalmente em bairros periféricos, muitas não possuem nenhum tipo de renda e isso dificulta ainda mais, as questões econômicas são bastante presentes a falta de renda faz com que mulheres sejam obrigadas a estarem com seus agressores e por um outro lado, se elas possuem algum tipo de renda, seus maridos podem estagnar-se em casa e extrair os poucos recursos de suas esposas, é uma discussão de dois lados da moeda. Bloch e Rao (2002) acreditam que se a mulher consegue ter uma renda, pode aumentar esporadicamente a violência, porque o homem pode querer pegar seu dinheiro e para conseguir isso eles utilizam o medo das mulheres em serem violentadas por eles. Esse é um fato corriqueiro, muitas mulheres possuem traumas dos seus maridos e acabam se tornando submissas a eles por acharem não possuir outra alternativa como saída. Isso fica claro quando pude ver que nas conversas que tive com algumas mulheres, algumas afirmaram que quando seus maridos estão em serviço é uma paz dentro de suas casas, e outras que disseram que seus esposos não possuem trabalho, e elas vivem de recursos do governo, onde seus maridos utilizam esse auxílio geralmente para beber e jogar.

Outro ponto também é a dependência emocional existente e a questão da afetividade da mulher sobre o homem, muitas se prendem a uma fala que diariamente escutamos “ Ele vai mudar”, “ ele só fez isso porque estava com raiva”. Vendo por este lado, entende-se que a mulher é emocionalmente estável ou que acredita em contos de fadas, ou até mesmo a frase dita por muitos “ a culpa é da mulher que por ainda estar com ele”, é isso que deve ser analisado com cautela.

Acredito que esse termo se encaixa bem para os homens agressores, porque Asse aproveitam dessas fachadas para esconder no início da relação quem são de verdade e apresentam-se as mulheres como bondosos e compreensíveis, e quando a mesma vai conhecendo e convivendo, ver que se relacionou com outra pessoa, geralmente agressivo, que não a respeita e a agride fisicamente e psicologicamente.

Dessa forma, o homem já tem de certa forma prendido psicologicamente a mulher a ele, ela fica com uma falsa esperança em si e uma dependência emocional, porque os agressores as privam de tudo que faziam antes, tornando as mulheres dependentes do mesmo, seja para qualquer coisa que façam. O que dificulta ainda

mais a libertação dela sobre ele, se tornando mais um dos empecilhos que vão respondendo a pergunta feita acima. É comprovado este ponto também na entrevista:

Pergunta 7- Como era seu companheiro quando vocês se conheceram? Ele é outra pessoa da que se apresentou para você no início da relação?

Entrevistada 1- Divertido, como eu falei nós nos conhecemos em uma festa, então nós dois sempre fomos ativos e felizes, mas depois que nos conhecemos melhor, tudo foi mudando. O cara gentil que conheci ficou a todo momento estressado comigo, com certeza eu conheci uma pessoa e casei com outra totalmente diferente.

Entrevistada 2- Ele já bebia, não como hoje, mas é aquilo né, você nova demais se ilude muito. E tudo piorou depois que nos casamos, até já fui agredida muitas vezes. Acho que era a mesma pessoa, ele só estava mostrando aos poucos a sua maldade.

Entrevistada 3- Ele era doce e gentil, um amor de pessoa. Mas depois que engravidei, começou a beber e jogar, mudou completamente. Acho que perdeu o encanto que tinha em mim. Com certeza, duas pessoas totalmente diferentes, ele deixou a máscara cair, aí que vi quem ele era de verdade.

Entrevistada 4- Conheci ele muito nova, poderia ter esperado mais, ter ido conquistar minhas coisas, perdi muitas oportunidades por causa desse relacionamento. No começo mesmo ele me tratava até bem, mas rapidamente mostrou quem era e vejo que ele aproveitou minha inocência, me traiu e bateu várias vezes, e eu perdoava achando aquilo normal. Infelizmente ainda gosto dele, não sei que tipo de sentimento é esse.

Entrevistada 5- Quando conheci meu marido ainda estudava, parei os estudos porque ele pediu, foi um grande erro. Ele mesmo querendo mandar em mim, foi me conquistando no começo, fazia muitas coisas boas. Na verdade, mesmo com brigas e tudo mais, acho que deve ser normal de casal mesmo, a gente se virava. Mas depois da pandemia ele se transformou, tudo que ele tinha parece que aumentou, não sei o que foi isso, até bateu em mim. Não sei se ele revelou quem ele era de verdade.

Entrevistada 6- Acho ele a mesma pessoa, não temos muito tempo de relação, pode ser que ele vá mudando e eu não perceba. Como eu já te falei, ele está ficando mais estressado e aborrecido comigo, não sei se trabalhar juntos e se ver a todo mundo posso estar cansando ele de mim, penso muito nisso, mas nunca chegamos conversar sobre isso.

Mas, essa violência não afeta somente as mulheres, ela vitimiza as crianças e adolescentes, e/ou outros familiares que convivem, e materializa-se no espaço privado, assim as crianças são controladas como se fossem propriedades do agressor, várias práticas são cometidas, desde a violência física até a psicológica, impedindo as crianças de terem acesso a direitos básicos. (Chaves,1997).

Além desses, podemos encontrar vários outros motivos para essa pergunta, porque engloba não somente a mulher como vítima, mas também um contexto social familiar. “As relações devem ser percebidas não só do ponto de vista individual, mas dentro de um contexto social de família, parentesco e afinidade e de uma teoria das relações de questões de violência intrafamiliares” (Machado e Magalhães, 1999, p.175).

É fundamental para o conhecimento aprofundar sobre essa problemática, porque não se pode entender os casos de violência contra a mulher de forma individual, tem que ser levado em conta a nossa sociedade se moldou em uma estrutura que cria desigualdades, favorecendo o gênero masculino. A exemplo temos as questões de salários e oportunidades, que as mulheres lutam há séculos para obterem ou igualarem com os homens. Ou seja, a violência contra a mulher já começa nas instituições que privilegiam os homens e acarreta diversas dificuldades para não terem representatividade feminina em seus espaços. É visível que esse privilégio gera diversos problemas, sejam sociais ou econômicos, porque se o mercado não aproveita mulheres talentosas em seu âmbito e acabam por não usufruir de invenções e avanços que elas podem trazer em espaços científicos, por exemplo.

Além de deixar marcas nas pessoas diretamente envolvidas, a violência doméstica também faz muitas outras vítimas, como as crianças e adolescentes que crescem nesses ambientes de violência, frequentemente apresentam uma série de dificuldades pessoais e interpessoais. é comum a presença de ansiedade, medo, depressão e até distúrbios de aprendizagem e comportamento, como a falta de atenção, de rendimento escolar, irritabilidade e agressividade com os colegas. A Violência Intrafamiliar Infantil é definida dessa forma porque acontece dentro da família ou até mesmo no lar onde a criança convive, e é cometida por algum parente ou pessoas que tenham algum vínculo parental, mesmo que não tenha laços consanguíneos, e pode ser caracterizada de formas diferentes, como: física, psicológica, sexual e até mesmo negligência. Que geralmente são mantidas por meio das relações de subordinação e dominação, que são um dos principais motivos para as crianças fugirem de casa e do convívio familiar (Willians, 2004).

São esses pontos que essa pesquisa pretende sondar e estudar, para poder possibilitar a outras mulheres que sofrem de violência doméstica a entenderem seu papel na família e como essa violência está desestruturando sua vida, principalmente seus filhos. Assim, podem se auto conscientizar e buscar apoio para conseguir se

livrar do ambiente hostil que vivem e dos seus agressores. Não é algo simples, pelo contrário, acredito que o ponto fundamental é entendermos esse fenômeno de acordo com as realidades que vivem as mulheres, porque cada uma possui o mesmo problema, mas com vidas e estrutura familiar diferentes.

Pergunta 5- Você percebe que este ambiente de brigas/discussões atrapalha e prejudica diretamente seus filhos ?

Entrevistada 1- Olha, minha filha de 7 anos ainda não sei se já entende isso, evitamos brigar perto dela, mas a de 14 já viu várias vezes nossas brigas, isso me dói porque eu sei que ela já entende, e ver a mãe apanhando é uma das coisas mais difíceis

Entrevistada 2- Prejudica diretamente, isso eu sei. Meu filho já mandou várias vezes sairmos daqui, irmos pra outra casa só nós dois, mas não consigo deixar ele, meu filho ficou muito mais calado e sozinho depois desses acontecimentos'

Entrevistada 3- Meus filhos já viram várias vezes os xingamentos e humilhações que recebi, eles até já choraram quando me viram chorando, fico triste demais, peço a deus todos os dias para conseguir logo uma renda

Entrevistada 4- Acho que ela é muito novinha, ainda não consegue entender nada, mas se continuarmos assim ela vai se criar traumatizada, tenho muito medo disso

Entrevistada 5- Meus dois meninos acho que não entendem, não sei, mas já viram algumas brigas e pedem pra ele parar, não acho que ele trata bem meus filhos, parece que não gosta deles

Entrevistada 6- Ainda é muito novinha pra entender algo, não entendo muito sobre esses negócios de traumas, sempre vivi ligada no 220

Todo tipo de violência emocional e psicológica é nocivo a criança, pois a mesma não tem condições de se proteger e começa a criar traumas, devido a tudo que passa. A infância é um processo onde a mente da criança está processando informações, e se estiver em um ambiente hostil, filtrará apenas experiência emocional desagradável. Mesmo que indiretamente, o agressor vai criando na criança traumas para o resto da vida.

Podemos perceber que na Paraíba, mesmo com a diminuição de números de casos de violência contra a mulher, não há nada a se comemorar. Diversos desses casos não são registrados, muitas mulheres e famílias sofrem em silêncio, com medo de denunciar seus agressores. E é assim na cidade de Monteiro, as entrevistadas, violentadas, não denunciam seus maridos pelos motivos comentados neste trabalho. Ainda se falta políticas públicas voltadas a essas mulheres, pesquisas que comportem

o estudo de seus problemas para que algo seja feito. Analisar bairros periféricos é crucial, lá se encontram os diversos problemas, principalmente para as mulheres, que além de não possuírem recursos financeiros, não tem oportunidades, pois são esquecidas às margens.

Uma tarefa difícil desta monografia foi fazer com que elas se abrissem, a presença do medo e bloqueio emocional em suas palavras era algo de se arrepiar, é perceptível para o entrevistado ver o sofrimento em seus olhares, a falta de esperança vinda de suas afirmações sobre a vida, e também a preocupação com seus filhos, e, querer dar um bom futuro e lar para eles. São detalhes cruciais para compreendermos que elas não estão nesse ciclo de violência por quererem.

Dentre os aspectos sociais da violência sofrida pelas mulheres, podemos abranger o fato de que a violência doméstica se tornou mais comum em famílias de classes menos favorecidas, em que há uma relação de dependência econômica e afetiva das mulheres por seus parceiros, que além de hostilizá-las por não possuírem condições financeiras de se manterem sozinhas. Fato, esse, que as tornam submissas dos mesmos.

Ainda se vê muito quando se fala de violência doméstica, um ditame popular, que julga a mulher por ela continuar com seu agressor, mas como foi analisado neste trabalho, diversos fatores contribuem para isso, a posição de submissão que é acometida a mulher é um fato histórico, presente de forma predominante em nossa sociedade. De acordo com Blay (2001), geralmente o índice de agressão é maior em um país como a cultura masculina prevalente e que abdica de diversos direitos das mulheres. Muitos países, após décadas, começaram a se mobilizar na luta contra as diferenças de gênero, em 1935 a ONU realizou o primeiro dia internacional da mulher, propondo medidas para coibir a violência de gênero. No Brasil republica era legítimo ao homem assassinar uma mulher sob o pretexto de adultério.

As entrevistas, mesmo que não comportou várias mulheres, ajudou a compreender alguns pontos que o trabalho se propôs, podemos perceber que várias delas têm medo de seus maridos, fato esse considerável de alguém que não está em uma relação saudável e que é afeta diretamente seu corpo e psicológico. A violência contra a mulher é um fenômeno extremamente complexo, se expande ao social e a saúde das vítimas e seus familiares, pois não estamos falando apenas das mulheres, mas de toda a família. No entanto, ainda são bastante escassas as investigações sobre o efeito indireto e complementar da violência familiar em processos de

adoecimento mais complexos ou sobre os efeitos na saúde da criança em consequência do testemunho de violência entre outros membros da família.

São nesses momentos que as mulheres necessitam ter uma rede de apoio sólida, pessoas que as ajudem sair desse ciclo de violência, pois infelizmente, muitas não conseguem. As mulheres entrevistadas continuam nesse ditame, sem redes de apoios, até mesmo para ajudar elas procurarem órgãos especializados. Uma das perguntas da entrevista foram se as mesmas tinham apoio:

Pergunta 8- Você tem redes de apoio? tipo família ou amigos, pessoas em quem você sabe que podem te ajudar caso você precise.

Entrevistada 1- Minha mãe sei que não iria me desamparar, sei que se eu precisasse de ajuda, algumas amigas também acho que me estenderiam a mão.

Entrevistada 2- Minha mãe e minha irmã sempre são meus apoios, elas moram juntas, e se eu tiver alguma necessidade de ajuda, elas me socorrem. Já sai de casa e fiquei com elas e meu filho, uma semana eu acho ou foi mais, mas depois meu marido foi atrás de mim, pedir perdão e eu voltei com ele.

Entrevistada 3- Tenho minha família, mas nunca pedi ajuda deles. Nunca nos demos muito bem, e minha nunca aprovou meu casamento. Acho que sou só nessa questão, iria ter vergonha também de pedir ajuda a eles.

Entrevistada 4- Ave maria, a coisa que minha mãe mais pede é que eu vá morar com ela, somos muito apegadas desde sempre. Meu pai não se intromete muito, mas por ele eu estava morando lá também, eles são meus apoios.

Entrevistada 5- Rede de apoio mesmo? como assim? se tipo for pessoas que iriam me ajudar quando as coisas tivessem ruim, geralmente a família dá um apoio, mas vai a pessoa precisar, que acaba sendo julgada e humilhada. Não falo com eles nem sobre como tá minha relação.

Entrevistada 6- Minha mãe com certeza. Ela sempre ajuda e cuida da minha filha, na hora que eu quiser voltar pra casa dela, sou bem vinda. Mas meus irmãos acham ruim, já brigamos algumas vezes por conta disso, mas nunca dei dor de cabeça a minha, ela sabe disso.

Vemos que algumas relatam terem seus familiares, precisamente a mãe, mas que as ajudam quando estão desamparadas e elas mesmas evitam procurarem, por vergonha e medo de mostrar os problemas de sua relação.

Muitas mulheres ainda procuram justificar a violência cometida a elas por meio de argumentos que envolvem ciúmes e proteção, acreditando ser demonstrações de amor e afeto. Fatores como estresse provocado pelo trabalho, cansaço e dificuldades financeiras, também são utilizados pelas próprias mulheres como justificativa para as agressões. Vemos isso na entrevista:

Pergunta 9- Você apontou vários problemas existentes em sua relação, mas eu queria que você me dissesse qual o motivo mesmo a faz realmente não querer/conseguir se livrar do seu marido? Pense e me diga de fato o que faz com que você esteja presa a esse ciclo de violência?

Entrevistada 1- Acho que o principal mesmo é o medo de ficar só e passar algum tipo de necessidade, sei que na hora do aperto a pessoa tenta dar um jeito, mas eu não quero passar por isso. Eu só iria embora quando estivesse tranquila nessa questão

Entrevistada 2- Eu realmente não entendo porque ainda não o deixei. Não iria passar fome se não estivesse com ele, mas eu já tentei várias vezes e não consigo, e quando consigo me arrependo de ter deixado ele

Entrevistada 3- Como eu já tinha te falado, hoje a questão financeira e a bebida dele é o que mais pesa, realmente não tenho condições agora de morar só, e também tenho muita vergonha de ter que pedir algo a minha família, prefiro esperar mais um pouco, mesmo sofrendo.

Entrevistada 4- Gosto dele, mesmo ele me tratando mal, ainda tenho sentimentos fortes. Não sei se é como você perguntou o principal motivo, mas posso te dizer que sou muito apegada a ele.

Entrevistada 5- Medo, tenho muito medo do que ele pode fazer comigo se eu falar em deixar, na verdade não ando pensando nem nisso, mas se fosse algo que não deixasse eu ir, era isso.

Entrevistada 6- Se eu quisesse deixar ele seria pra gente parar de ta discutindo, principalmente por ciúmes da parte dele, mas de outras coisas não tenho muito a falar. Quando ele bebe também fica mais ciumento, isso não é bom.

Ainda não se tem nada de estudos sobre os bairros a qual analisamos esses casos, isso é algo que demonstra um problema, foi apontado alguns casos registrados de violência e tentativa de feminicídio, os órgãos competentes devem olhar com mais cautela principalmente as comunidades carentes de recursos, fazem estudos e práticas inovadoras que possam ajudar as mulheres a obterem estudos, renda, uma vida digna de se viver, para que ela possa ter escolhas, possa pensar nos seus filhos e no bem estar de sua família. As delegacias das mulheres além de ser um local só para denunciar e pedir medida protetiva ao agressor, deve ser um local onde as mulheres se sintam acolhidas e protegidas, que os profissionais adequados possam ajudá-las se inserir a sociedade e buscar oportunidades, pois muitos dos casos, são mulheres que não tem apoio e recursos para terem autonomia sobre si e sua família.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia esteve em busca de respostas para o questionamento da mulher continuar com seu agressor, principalmente em sua família, com seus filhos presenciando os episódios de violência, algo traumático para o resto da vida. Mas, foi perceptível que não existem respostas precisas, tem que ser considerado diversos fatores para que a mulher, vítima de violência doméstica, não consiga se livrar de seu marido. A pesquisa apontou diversos pontos vindos dos relatos das mesmas. E, com isso, podemos perceber a teia de complexidade existente em uma família/relação. Quando se trata sobre esses acontecimentos, tem que ser analisado o contexto familiar. É esse contexto que responde a muitos questionamentos, principalmente se for uma análise Intra, vindo de dentro. Essa mesma vítima, quando decide não expor/denunciar o agressor, tem diversos motivos, pensa em toda sua família e tem medo que possa desestruturá-la, principalmente se for levado em conta o contexto socioeconômico.

Estudar e entrevistar as mulheres desses bairros foi de extrema importância para considerarmos o quanto várias famílias são esquecidas pelos órgãos competentes, de preferência em comunidades periféricas. Não existem nesses bairros ações que possam, de fato, dar oportunidades seguras a essas mulheres, onde elas possam ter opções de sair dos ambientes de violência e garantir comida e um lugar confortável pros filhos, o que faz com que, muitas estejam subordinadas e dependentes dos seus maridos. Claro, há também o contexto, onde o homem não permite que a mulher trabalhe, justamente para aprisioná-la a ele, a deixando merce de sua contribuição financeira para sustentar a casa, é bem real esse apontamento, quatro das seis mulheres entrevistadas afirmaram não conseguirem sobreviver financeiramente sem seu marido, principalmente por causa dos seus filhos. Ao focar esta interface, depara-se com amplas implicações ligadas ao fenômeno. A maioria das vítimas permanecem coagidas a um relacionamento baseado, na dependência financeira e emocional, levando a eventos cíclicos de violência. (Côrtes, 2012).

As principais representações da violência são objetivadas como frequente, desarmônica e redutivo. A mulher na maioria das vezes manifesta reações pela violência sofrida com passividade, vergonha, decepção, culpa e sofrimento. E uma das principais consequências da violência são o trauma, provavelmente baixando consideravelmente seu índice de qualidade de vida e inserção social, é por isso que

a violência doméstica é também uma questão de saúde emergente, onde muitos estudiosos da área devem se sensibilizar para o efeito da violência na vida da mulher e de sua família. Os maus-tratos cometidos a mulher são cruciais a sua saúde física e mental, é repercutido a mulher uma perda significativa de sua vida, principalmente social. (Monteiro & Souza, 2007).

Na análise dos casos de violência na Paraíba e em Monteiro, precisamente nos bairros de estudo, algo que é presente são as diversas formas de violência sem registro, algo de extrema periculosidade, porque se não há registros, a dificuldade em criar políticas públicas voltadas a ajudarem as mulheres e possibilitar acesso para que elas e sua família possam sair desse ciclo ficam mais complicadas ainda. Mesmo que não seja algo 100% eficaz, números e estatísticas ainda são a prioridade para que os órgãos possam tomar as medidas cabíveis.

São esses diversos problemas quando se faz estudos sobre a violência contra a mulher e doméstica, os casos são particulares, mesmo que vemos fatores cruciais que intensificam o ciclo de violência, como a presença do álcool, onde as vítimas entrevistadas todas relataram que seus maridos bebem e ficam mais agressivos, há muitas particularidades de família para a família.

Como vimos, o patriarcado e a luta feminista são expoentes quando tratamos de estudos de gênero e familiar, conceito de patriarcado está no cerne da perspectiva feminista. Na concepção de Ja-sinski (2001), a dominação masculina se manifesta nas estruturas e instituições sociais e no processo de socialização que distribui os papéis de gênero para homens e mulheres. A violência, portanto, seria resultado da posição subordinada ocupada pelas mulheres na estrutura social, sendo uma manifestação de um sistema de dominação masculina que perpassa diferentes culturas e períodos históricos.

Levando em consideração as entrevistas e análise dos casos de violência contra a mulher, para fazer frente diante da violência doméstica é necessário dar continuidade à integração das unidades de proteção à mulher, mas com eficácia, onde seja cumprido o acompanhamento as mulheres, para que elas não denunciem e se sintam desamparadas, mas que essa integração possa inseri-la em um contexto de oportunidades que a façam sair do ciclo de violência doméstica e possa dar oportunidade a seus filhos. Uma maior divulgação nos meios de comunicação com o intuito de prevenir a violência e promover a saúde da mulher, para que ela se sinta

apoiada e encontre equipe multiprofissional competente, disposta a ajudar em sua causa. Conforme, traz Gadoni-Costa e Dell'Aglio (2010), uma rede com capacidade e que funcione com êxito, dá força e apoio direto as instituições que são envolvidas no enfrentamento da violência, contribuindo para que elas se consolidem.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Marco. PATRÍCIA, Alves. Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de Violência no Relacionamento Violento. EDUFSC. **Revista de Ciências Humanas**. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em : [Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento - Núm. 40, November 2006 - Revista de Ciências Humanas - Livros e Revistas - VLEX 220291945](#) Acesso em 23 jan, 2023.

CARVALHO, Gustavo. **Externalidades do Programa Bolsa Família sobre a Violência Doméstica Contra a Mulher no Brasil, 2014**. Pós-Graduação: Economia Aplicada. Universidade Federal de Viçosa. Minas Gerais, 2014. Disponível em: [Externalidades do Programa Bolsa Família sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil \(ufv.br\)](#) Acesso em 24 jan, 2023.

CAVALCANTI, Stela V. S. F. **Violência doméstica contra a mulher no Brasil**. Bahia: Ed. Podium, 2007.

CÔRTEZ, G. R. (2012). Violência doméstica: centro de referência da mulher “Heleieth Saffioti”. **Estudos de Sociologia**, 17(32), 149-168

DAYANE, Eva. A vergonha Social e o Medo: Obstáculos para a superação da violência doméstica contra a mulher. Universidade Federal do Sul da Bahia- **UFSB**, 2019. Disponível em: [View of A vergonha social e o medo: obstáculos para a superação da violência doméstica contra a mulher/ Social shame and fear: obstacles to overcome domestic violence against women \(brazilianjournals.com.br\)](#) Acesso em 17 jan, 2023.

DINIZ, S. G. A violência de Gênero como Questão de Saúde. **Jornal da Rede de Saúde**, n.14, 1997.

FONSECA, D. H; RIBEIRO, C. G; LEAL, N. S. B. Violência doméstica contra a mulher: realidade e representações sociais. **Psicologia e Sociedade**. Centro Universitário de João Pessoa, 2012. Disponível em: [SciELO - Brasil - Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais](#) Acesso 19 jan, 2023.

Gadoni-Costa, L. M. & Dell’Aglío, D. D. Mulheres em situação de violência doméstica: vitimização e coping. **Interinstitucional de Psicologia**, 2(2), 151 – 159, 2010.

JONG, Lin; LÚCIA, Maria; CRISTINA, Ana. Desistindo da Denúncia ao Agressor: relato de mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista de Enfermagem- USP**. 2008, p. 01-08.

JUREMA, S. Mulheres e Direitos. Memória Gestão 95-99, Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. **UNIFEM**, 1999.

LEITE, Claudia; HALSSEMAN, Maria. REICHENHEIM; Michael E. Consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de propostas de ação. **Ciência e saúde coletiva**, São Paulo, 2007.

LIMA, Márcia. et Al. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco qualitativo. IN: **CEBRAP-SESC**. São Paulo, 2016.

MACHADO, L.Z; MAGALHÃES, M.T.B. **Violência conjugal**: os espelhos e as marcas.. Org: Suárez, M; Bandeira, L. et al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

MILLER, Mary Susan. **Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999.

MINAYO. C. M. Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. Edição 21. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, C. F. S. & SOUZA, I. E. O. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, 16(1), 26-31, 2007.

SAFFIOTI, H. I. B. **Violência Contra a Mulher e Violência Doméstica**. São Paulo: BRUSCHINI, 2002.

SILVA, LL. COELHO. E. B. S.; CAPONI, S.N.C. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface- Comunicação, Saúde e Educação**. Vol. 11. São Paulo: Editora: Botucatu, 2007.